



A PRODUÇÃO DO SUJEITO-ODIOSO A PARTIR DA PUBLICIDADE DO NOVO POLO: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

Eliézer Reis Vicente¹

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Ricardo Almeida de Melo²

Centro Universitário (UNIFATECIE)

RESUMO

Esse artigo objetiva analisar o discurso de ódio homofóbico como limitador do exercício da sexualidade, como manifestação de intolerância, preconceito e discriminação que se reveste de um abuso do direito à liberdade de expressão. As análises tomam *twittes* e memes veiculados em torno da publicidade do carro da marca Volkswagen, o novo Polo, e problematizam, a partir dos estudos teóricos do filósofo francês Michel Foucault, questões acerca do dispositivo da sexualidade, dispositivo da violência, dispositivo de ódio biopolítico, poder e masculinidade(s). Os resultados apontam que os discursos atuam como um instrumento de exteriorização da homofobia na fabricação de um sujeito-odioso.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Dispositivo da violência. Masculinidades.

ABSTRACT

This article aims to analyze the homophobic hate speech as a limited to the exercise of sexuality, as a manifestation of intolerance, prejudice and discrimination that is an abuse of the right to freedom of expression. The analysis takes *twittes* and memes broadcasted around the advertising of the car brand Volkswagen, the new Polo and problematize, from the theoretical studies of the French philosopher Michel Foucault, issues about the device of sexuality, device of violence, biopolitical hate device, power and masculinity(s). The results point out that the discourses act as an instrument of exteriorization of homophobia in the manufacture of a subject-hate.

Keywords: Hate speech. Device of violence. Masculinities.

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto de uma sociedade da informação, as mídias digitais estão presentes nas vidas de uma expressiva parte da população, conectando-as e gerando novas formas de se relacionar. Com a expansão dessas conexões sem fronteiras, surgem alguns problemas advindos da aproximação dos indivíduos e suas coletividades, como uma acentuação da intolerância às diferenças, vindas aos infinitos *gigabytes* das redes sociais. O fenômeno do Discurso de Ódio é uma dessas manifestações de intolerância que sorriem para nós. O ódio se vê na veia, o ódio se vê na voz, o ódio se vê nas vestes de entretenimento nas telas de *smartphones*, *tablets* e computadores de última geração.

O Discurso de Ódio vem como um bicho feroz, multifacetado, toma suas formas nos **negritos**, na mor-fos-sin-ta-xe, em CAIXAS ALTAS, chega também disfarçado por memes e textos, sem limites

¹ É doutorando em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM/UFG). E-mail: eliezervicente@gmail.com

² É graduando em Pedagogia pela Unifatecie. E-mail: ricardoaufg@gmail.com



para a “zoeira”, sob a justificativa de ser apenas uma brincadeira, da qual sabemos que não se trata, na maioria das vezes. Pelo contrário, quando mencionamos a “zoeira”, referenciamos as dinâmicas da internet que surgem a partir das novas modalidades de interação, como destacado por Shirky (2012). Uma piada não é apenas uma piada, um meme não é apenas uma brincadeira, dessa forma, as criações não são obras ao acaso, elas integram os jogos da linguagem.

Diante disso, vimos movimentar as redes sociais digitais no início de maio deste ano, a publicidade do novo Volkswagen Polo em que um casal homoafetivo aparece em frente ao *hatch* (Imagem 1). Na postagem da página no *Instagram*, a legenda afirmava: “Sabe quem evoluiu junto com você? O Polo”. Em pouco tempo, a foto viralizou, tornando-se um dos assuntos mais comentados no *Twitter*.

Enquanto uma parcela comemorava a diversidade de uma marca culturalmente masculina, vários comentários disseminam preconceito e homofobia, declarando a venda de seus exemplares ou até mesmo pedindo o fechamento da empresa. Naquele momento, o *Twitter* virava uma zona de guerra. Por que a imagem de um casal homoafetivo incomodou tanto? A sociedade ainda não está preparada para sua extensa diversidade?

Na esteira desses questionamentos, chamou nossa atenção a grande circulação de comentários e memes com um acentuado Discurso de Ódio, disfarçados em zoeira no *Twitter*. Com isso, problematiza-se, a partir dos estudos teóricos do filósofo francês Michel Foucault, as questões acerca do dispositivo da sexualidade, dispositivo da violência, dispositivo de ódio biopolítico, poder e masculinidade(s). Nosso objetivo é analisar o discurso de ódio homofóbico como limitador do exercício da sexualidade, como manifestação de intolerância, preconceito e discriminação que se reveste como um abuso do direito à liberdade de expressão, atuando como um instrumento de exteriorização da homofobia na fabricação de um sujeito-odioso.

1 A RELAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Para Michel Foucault (2008), o discurso não possui formação imediata sobre a manifestação de ideologias, princípios, valores ou conceitos vinculados pelas pessoas, tendo em vista que seu desenvolvimento ocorre geralmente devido aos procedimentos históricos que o antecedem e que, posteriormente, acabam por concluí-lo. Nesse horizonte, o autor pontua:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo (FOUCAULT, 2008, p. 132-133).

Dessa maneira, o discurso é inerente ao ser humano e ao exercício da evolução social. Em uma sociedade democrática, o discurso torna-se, portanto, um dos elementos fundamentais ao exercício da liberdade de expressão, proporcionando a livre manifestação de pensamento, seja pela fala, pela escrita ou por imagens. Para Azevedo (2013), em Foucault, a linguagem torna-se um conceito filosófico importante, pois se passa a considerá-la um elemento estruturador da relação



das pessoas com o real – uma vez que o indivíduo seria o sujeito de sua própria história – apesar das coerções sociais e das relações de poder. Para o filósofo,

Que civilização, aparentemente, teria sido mais respeitosa com o discurso que a nossa? Onde teria sido mais e melhor honrado? Onde, aparentemente, teria sido mais radicalmente libertado de suas coerções e universalizado? Ora, parece-me que sob essa aparente veneração do discurso, sob essa aparente logofilia, esconde-se uma espécie de temor. Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso (FOUCAULT, 1999, p. 49-50).

Não obstante, o discurso de ódio tem por finalidade suscitar a violência, a discriminação e preconceitos em desfavor de um grupo ou classe de pessoas. Nesse sentido, salientamos que “[...] o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p 118).

Embora o discurso de ódio seja um dos grandes problemas da atualidade, considerando-se os vários fatores que o compõem, convém destacar que a Constituição brasileira entende a livre manifestação do pensamento como um dos direitos fundamentais do povo brasileiro, logo, o discurso seria irrestrito a qualquer manifestação de pensamento. Entretanto, no momento em que outros direitos garantidos começam a ser violados, vê-se a necessidade de estabelecer limitações.

Nesse sentido, Michel Foucault já defendia que a livre manifestação de pensamento deveria ser avaliada na sociedade. Para o autor, “em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão” (FOUCAULT, 1999, p. 9). E ainda, “o mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Sendo assim, quem profere um discurso de ódio acredita ser permitido falar tudo, sobre qualquer coisa, para qualquer pessoa, em qualquer situação.

Relacionando o discurso e as redes sociais, entendemos que o discurso é parte fundamental para a formação de um grupo, tendo em conta que, através do discurso, permite-se encontrar pessoas com pensamentos semelhantes, bem como propicia a criação de novos discursos, novos grupos, novas formas de pensamento ou a divergência deles. Contudo, as redes sociais têm se tornado um meio de formadores de opiniões odiosas e, local de internalização de preconceitos que cada indivíduo carrega consigo mesmo. Segundo Costa (2016, s.p), “[...] As redes sociais fazem nada mais que amplificar esse ódio, reafirmar os preconceitos que as pessoas já têm”. Com efeito, o discurso de ódio comprova que nossa sociedade é intolerante a determinadas ideologias, raça, gênero, condição sexual, dentre outros fatores que sejam diferentes ao modo de pensar heteronormativo.

As redes sociais têm se tornado um ambiente cada vez mais hostil, precedido pela ignorância e propício ao discurso de ódio. Um espaço nada inclusivo para as minorias sociais. Elas se configuram como um dos meios mais rápidos de disseminar ideologias e posicionamentos de determinados grupos sociais sobre outros e que se inserem, muitas vezes, como dominantes de suas condutas. Além do mais, as redes sociais ainda contam com *haters*, ou seja, “aqueles que odeiam”, como aliados para a disseminação de discursos de ódio e ainda protegidos pelo anonimato. Sobre essa questão, destaca-se: “Nesse espaço as pessoas conseguem, então, colocar a sua opinião de forma mais segura justamente pelas possibilidades oferecidas pelo meio, como os *fakes* (perfis falsos, que



ocultam a identidade "verdadeira")" (PINTO; RIBEIRO, 2016, p. 3) e ainda, "a "proteção física" (visto que a comunicação é mediada pelos computadores), a possibilidade de encontrar pessoas que pensem da mesma forma, etc" (*ibidem*).

Na maioria das vezes, as discussões ocorrem ferindo princípios, cometendo ilicitudes uns contra os outros, contra um coletivo. A propagação do discurso de ódio alarma e a sensação de impunidade, quando crimes e ofensas são cometidos pelos meios virtuais, parece proporcionar maior liberdade para que o ilícito continue a ocorrer.

2 DISCURSOS DOMINANTES: IMPERATIVO BIOLÓGICO E DUALISMO DE GÊNERO

Inicialmente, é importante trazermos uma reflexão sobre gênero, sexualidade e masculinidade, como esses conceitos têm se engendrado na sociedade, de que maneira circulam discursos normativos sobre ser homem e sobre a homossexualidade. Tais discursos, sustentados em uma macroestrutura, (re)produzem modos de viver tidos como adequados ao mesmo tempo em que infamam orientações e experiências afetivo-sexuais que fogem da heteronormatividade.

Historicamente, o imperativo biológico (WEEKS, 1998) tem atribuído o sexo dos sujeitos segundo suas genitais: o homem é definido como homem através do pênis e testículos, a mulher é uma mulher por meio da vagina e ovários. Esse imperativo eclode com força como um discurso disciplinar, o qual tem se valido de métodos e saberes consagrados da ciência, o que lhe dá credibilidade e estatuto de verdade (FOUCAULT, 1999). A este panorama está ligado o dualismo de gênero que é responsável pela união indissociável entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

O imperativo biológico (WEEKS, 1998), para além da sexualidade, orienta comportamentos e "qualidades" dos sujeitos, ao modo que naturaliza e hierarquiza diferenças entre homens e mulheres. A elas lhes cabem: passividade, sensibilidade, emoção, submissão, apropriadas ao ambiente privado; a eles: racionalidade, ativos, fortes, dominadores, apropriados ao ambiente público. Dessa maneira, falar de discurso a partir de Foucault (1999) é necessariamente tratar de poder, uma vez que a produção discursiva é controlada e organizada a partir de lógicas que estabelecem lugares de diferenças de sujeitos. Com isso, pelo prisma das questões de gênero, homens heterossexuais estariam mais próximos do topo de uma escala de privilégios do que mulheres e homens homossexuais, o que, conseqüentemente, ocasiona uma série de práticas de violência e dominação para com grupos minoritários socialmente. A hierarquia não está pautada apenas pelo gênero, mas é atravessada por questões de classe, etnia, corpo, entre outras, o que forma uma complexa trama de relações de poder.

Esse discurso dominante que se pauta pela polarização e, sobretudo, desigualdade de gênero foi e é reforçado em um processo de retroalimentação entre instâncias sociais: igreja, família, Estado, escola. Instâncias que têm papel regulador cingido por pressões e coerções que orientam autoritariamente as práticas dos sujeitos, incluindo as afetivo-sexuais. É importante salientar que os sistemas de produção discursiva, enquanto responsáveis pelo controle, reprodução e circulação dos discursos, também abrem espaços para a existência de sua negativa, possibilitando que atores sociais invertam sua lógica, de maneira que os discursos estão sujeitos a rupturas, por meio das quais afloram contradiscursos. E, mesmo que não tenhamos como colocar esses contradiscursos em igualdade com os próprios discursos, historicamente tidos como naturais e verdadeiros, tais movimentos inversos dão visibilidade ao que está fora dos ideais dominantes e propõem questionamentos.



3 MASCULINIDADES, UM CONCEITO [NO] PLURAL

Ao usar a palavra masculinidades, no plural, demonstra-se, para além da gramática, que há diferentes significados para “ser homem” (CONNELL, 2003). Soa como um ato epistemológico e político quando deixamos de usar masculinidade, no singular, que põe em xeque uma noção naturalizada e única de ser homem, principalmente no que tange a virilidade, bem longe de qualquer traço de feminilidade (HAROCHE, 2013). À vista disso, dispendo-se da célebre frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se”, Baubérot (2013), declara que “não se nasce viril, torna-se viril”, característica da masculinidade hegemônica que nos direciona a ideia de que aprendemos nosso gênero a partir dos discursos dominantes.

Como as vivências homossexuais se concatenam com a visão dominante de masculinidade? Uma das respostas encontra seu fundamento no horizonte de uma época medieval, cercada de preceitos religiosos, em que o sexo deveria acontecer para fins reprodutivos apenas, ou seja, o sexo era concebido como prática exclusiva aos casais heterossexuais que, alegados pelo discurso judaico-cristão, apresentava experiências homossexuais como sendo pecadoras pacíficas de punição. A essa maneira, quando o Estado participa, os corpos devem seguir leis, em que as práticas dos sujeitos são confiscadas, tendo os homens que se relacionam com outros homens como criminosos. E, ainda, no horizonte dessas discussões, é por meio do discurso médico-higienista e do dispositivo da sexualidade em propagação na Era Vitoriana que o homossexual passa a ser um doente, cobaia científica e objeto de estudos para que seu “desvio” de gênero tivesse explicação (FOUCAULT, 1999).

No cenário dessas discussões, vemos repercutir ainda o legado desses discursos na contemporaneidade. O homem que se relaciona com outro homem é visto como desviante, rebaixado na escala hierárquica social. Uma masculinidade dominante, masculinidade machista e heteronormativa que se apresenta até mesmo dentro da comunidade LGBTQIAP+, em que a relação afetivo-sexual entre dois homens deve ser viril, longe de traços da feminilidade.

4 O PODER E O DISCURSO DE ÓDIO BIOPOLÍTICO

Em várias de suas obras, Michel Foucault abordou as relações de poder. Para melhor aferir o funcionamento dessas relações de poder, o filósofo propõe uma análise histórica a partir do deslocamento das formas e domínios do poder. Com isso, ele atesta que ao longo dos séculos XVII e XVIII o poder soberano é substituído gradativamente pelo poder disciplinar e, a partir da segunda metade do século XVIII, esse poder disciplinar passa a ser pensado pela biopolítica.

A soberania era a maneira de poder que predominava na Idade Clássica. O soberano se apropriava dos bens e riquezas dos súditos e detinha o poder de “fazer morrer” ou “deixar viver”, operando poder sobre a vida e a morte de seus subordinados. Para certificar o controle dos corpos, a preservação da vida é inserida como problema do poder soberano dando origem a uma nova forma de poder, que se ocuparia em “fazer viver” e “deixar morrer”, o biopoder. Esse poder se exerce pelo destaque na proteção da vida e na regulação dos corpos e se manifesta por meio do poder disciplinar e da biopolítica (FOUCAULT, 1999).

O poder disciplinar é um dispositivo de poder que permite o controle cuidadoso das operações do corpo, produzindo seus comportamentos para uma melhor manutenção da sociedade. Esse poder age e se manifesta em dispositivos e instituições – hospitais, manicômios, prisões, escolas. Um conjunto de mecanismos que integram o que Foucault (2014) denomina de sociedade disciplinar. Mas a vida não se dá apenas no campo privado e dessa maneira quando



levamos em conta as epidemias, as migrações e os direitos reprodutivos, percebemos que a vida desponta com a esfera particular das fábricas e das prisões e se insere no contexto público, precisando de um gerenciamento político, nomeado por Foucault de biopolítica.

O poder da biopolítica acrescenta e perfaz o poder disciplinar, dado que a disciplina não daria conta da emergência das grandes massas populacionais. Em função disso, da mesma forma que o poder disciplinar age sobre os corpos dos indivíduos com o intento de torná-los o mais útil e dócil possíveis, o poder biopolítico passa a agir sobre a vida da espécie, permitindo que qualquer crueza seja feita em nome da salvação dessa espécie.

O poder biopolítico atua como uma extensão da política, que se apoia, muitas vezes, num discurso biológico sustido pela ciência e/ou pela religião para estabelecer o que é bom ou ruim para a sociedade (FOUCAULT, 20180). O discurso de ódio (biopolítico) restringe os indivíduos aos seus aspectos biológicos, como a cor da pele, a etnia, seu caráter de gênero, ou sua orientação sexual e considera esses aspectos como inferiores. Ele é enunciado por um grupo que se julga dominante e exclui o que considera diferente em nome da sua perpetuação e da conservação de seus valores.

No que tange a essas questões, vemos o ódio biopolítico nas redes sociais digitais ter como alvo principal atingir os aspectos abalizadamente biológicos dos sujeitos envolvidos: a cor da sua pele, seu caráter de gênero, a natureza de suas práticas sexuais, ou seja, suas divergências em relação a um padrão consideradas o correto por aquele grupo em questão. A operação do ódio biopolítico não abre espaço para a dúvida, a pluralidade e para a divergência: aquele com o qual eu não concordo deve ser silenciado, rejeitado ou eliminado. Essa estratégia muitas vezes lança mão da liberdade de expressão como posição para disseminar seu ódio biopolítico.

5 DISPOSITIVO DA VIOLÊNCIA

As redes sociais digitais, particularmente, o *Twitter*, tem sido um poderoso meio circulação de ideologias e Discurso de Ódio. A *Internet* se transforma em plataforma de lutas. O ódio vai se pulverizando de maneira orquestrada entre a sociedade. A biopolítica aciona mecanismos violentos que passam a operar no cotidiano das pessoas. O ódio alimenta o dispositivo da violência e garante seu funcionamento, ordenando comportamentos, alinhando discursos e legitimando ações.

Foucault (2014), ao tratar das relações de poder, salienta que o termo conduta permite melhor apreender a especificidade nas relações de poder, uma vez que a conduta seja, ao mesmo tempo, o ato de conduzir os outros e a maneira de se comportar em um campo (mais ou menos) aberto de possibilidades. Compreender os mecanismos de poder para o autor tem o papel de “mostrar quais são os efeitos de saber que são produzidos em nossa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, e pelas táticas de poder que são os elementos dessa luta” (FOUCAULT, 2008, p. 5).

O dispositivo da violência, bem como o dispositivo de segurança, inclui os fenômenos – o discurso de ódio, a intolerância, por exemplo – em uma série de acontecimentos prováveis, cujas relações de poder ante a esses fenômenos os inserem em um cálculo de custo. Para que o dispositivo se consolide, é necessário um conjunto de mecanismos e técnicas que o façam funcionar.

A emergência dos discursos de ódio, - e não de outros em seu lugar, - na contemporaneidade, inscreve-se em jogos de verdade, legitima tipos de racionalidades, faz uso de certos mecanismos de controle/condução das pessoas, ao mesmo tempo em que atua na produção de subjetividades, ao prescrever condutas e posturas “corretas”. Os discursos de ódio se inserem em um conjunto heterogêneo de elementos que visam garantir, paradoxalmente, uma sociedade de efeito moralizante e normalizador, fabricando memes disfarçados em tons de brincadeira.



Os efeitos desses discursos provocam medo, intolerância e violência, reforçando racionalidades discriminatórias. Os discursos de ódio não apenas traduzem uma indignação diante dos preconceitos, homofobia etc. O próprio discurso sofre interdições da sociedade, no intuito de controlar efeitos indesejáveis: não se pode dizer qualquer coisa, de qualquer maneira, para qualquer um e, enredado nessa disputa, o discurso é mecanismo de poder (FOUCAULT, 1999).

Pensar a violência enquanto dispositivo pressupõe analisar a rede de elementos que o integram, em sua multiplicidade heterogênea, capturando, momentaneamente, as linhas que o constituem e que se inscrevem em poderes e saberes que concorrem para a objetivação/subjetivação do sujeito. Falar de violência, a partir dos discursos de ódio produzidos pela imagem de dois homens em frente a um carro em uma publicidade, é enredar-se nas tramas de um dispositivo que engendra indivíduos a partir de determinadas formas de ser/estar, fruto dos saberes e poderes que lhes são inerentes.

É necessário inserir a complexidade e a singularidade das manifestações no interior de processos que são históricos, econômicos, políticos, culturais, e os efeitos de verdade produzidos pelos discursos de ódio, nesse cenário, na fabricação de comportamentos, na legitimação de ideias, regras e valores que têm dado o tom de disputa. A noção de poder, para Michel Foucault, ultrapassa concepções essencialistas. Os saberes e os mecanismos de poder que avançam na atualidade configuram processos de subjetivação, modos de ser e de estar em nosso tempo, que são transformáveis. Nas palavras de Foucault,

Não se trata evidentemente de interrogar o “poder” sobre sua origem, seus princípios ou seus limites legítimos, mas de estudar os procedimentos e técnicas utilizados nos diferentes contextos institucionais, para atuar sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo para formar, dirigir, modificar sua maneira de se conduzir, para impor finalidades à sua inação ou inscrevê-la nas estratégias de conjunto, conseqüentemente múltiplas em sua forma e em seu local de atuação (FOUCAULT, 1984, p. 238 -239, grifo do autor).

O discurso midiático impõe saberes, constrói regras, orienta práticas e legitima leis sobre as discussões, institucionalizando o todo como sendo a própria verdade. Sobre a relação entre saber e poder, Veyne (2008, p. 36) nos aponta: “(...) encontram-se num mesmo dispositivo onde se entrelaçam, sendo o poder sábio na sua área, o que confere poder a certos saberes.” O discurso é imanente ao dispositivo que se arquiteta nele. O dispositivo da violência é acionado por diferentes elementos, enredando-se em leis, práticas, instituições, normas, valores, palavras que impregnam uma dada formação histórica: os saberes produzidos sobre quem milita, os discursos de ódio endereçados ao outro, visto como inimigo, a intolerância, a insegurança, por exemplo. O discurso de ódio é uma verdade do seu tempo, com suas singularidades e bizarrices, encarnado em determinada sociedade. A verdade é, pois, um dos componentes do dispositivo.

Mais do que nomear quem disse o que e qual lado tem o domínio da verdade, o que leva as pessoas a expressarem, com tanta tranquilidade, esse ódio? Podemos pensar, aqui, nos comentários, *twittes* e memes que viralizaram por todos os cantos do mundo, e que dão visibilidade ao ódio. Esses modos de subjetividade que vêm sendo engendrados, e que têm ganhado cada vez mais visibilidade nas mídias, estão conectados às relações de poder em nossa sociedade. É sobre esse terreno movediço, minado e conflituoso, que pretendemos nos deslocar agora.

6 A PRODUÇÃO DO SUJEITO-ODIOSO



Imagem 1 – Casal homoafetivo em frente ao hatch Polo



Fonte: Reprodução/Instagram @vwbrasil

Nesta seção, iniciaremos com o intuito de descrever a formação de um dispositivo de violência, constituído pelos discursos de ódio, em torno de *twittes* e memes que circularam nas redes sociais digitais após a divulgação da propaganda do novo Polo. Nesse acontecimento, a emergência dos discursos de ódio – e não outros em seu lugar – é uma das vias que possibilitam a) descrever a prática discursiva midiática sobre este cenário; b) identificar elementos que configuram os discursos de ódio nas redes discursivas que constituem o dispositivo; c) realizar uma cartografia dos discursos de ódio como elementos que configuram e sustentam o dispositivo da violência. d) descrever como o funcionamento discursivo dos elementos que compõem o dispositivo constrói a identidade do sujeito-odioso; e) considerando as condições de emergência dos discursos de ódio e a tomada do indivíduo que *twitta* (e/ou comenta) enquanto objeto de saberes midiáticos, analisar como, nos discursos midiáticos, ocorrem os processos de objetivação/subjetivação desse sujeito. E, ainda, acreditamos que as práticas discursivas em torno de comentários, *twittes* e a produção de memes, consolidam determinadas técnicas de sujeitos-odiosos, já que “o modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios” (FOUCAULT, 1996, p. 207).

As discussões encampadas por Foucault e Deleuze (1990) sobre dispositivo nos orientam na tarefa de delinear as linhas que compõem e atravessam o dispositivo da violência, tendo em vista os enunciados produzidos e divulgados pelos internautas das redes sociais, em específico, no *Twitter*.

Por discursos de ódio, entendemos os discursos cujos conteúdos manifestam quaisquer formas de discriminação, preconceito e criminalização – social, econômica, cultural, de gênero, de



orientação sexual, de etnia, de raça, de religião – produzindo estereótipos, incitando práticas de violência e/ou justificando o ódio e a intolerância. Não há dispositivo fora do discurso (FOUCAULT, 1999).

Os discursos que circularam sobre a propaganda do novo Polo não são produzidos ao acaso. Vimos como determinadas urgências possibilitaram a produção e a circulação de uma pluralidade de discursos e memes, inclusive os discursos de ódio, uma das engrenagens do dispositivo da violência. Tais discursos produzem novas estéticas de existência e transformam identidades daqueles que discursam/comentam.

Inscrito em uma trama complexa e instável, o discurso é, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder: reforça-o, mas também limita; veicula-o e também o produz; é resistência e, também, ponto de partida (FOUCAULT, 2008). Os discursos de ódio produzem como efeitos condutas e contracondutas, a partir dos quais constatamos que, inscritos em uma rede de saber-poder-subjetividade e considerando seus efeitos, os discursos de ódio produzidos e proliferados em torno da publicidade no novo Polo constroem racionalidades cujas verdades sustentam (e são sustentadas) as discursividades produzidas pela mídia, no dispositivo.

No processo de construção discursiva das postagens no *Twitter*, várias são as posições de sujeito que falam sobre esse acontecimento e que, embora inscritos em uma multiplicidade heterogênea de outros dispositivos, conectam-se entre si e produzem saberes complementares sobre esse acontecimento.

Para tanto, abaixo segue um conjunto (Quadro 1) com três dos vários memes que circularam no *Twitter* a partir da imagem de um casal homoafetivo na publicidade do novo Polo, bem como vários comentários (*Twittes*) de internautas da rede (Quadro 2).

Quadro 1 – Conjunto de memes divulgados no *Twitter*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Discursos de ódio produzidos pelos internautas do *Twitter*

1. A VolkSELVAGEM está lançando o novo Polo sem banco de carona na frente. Porque seus usuários até gostam de levar carona, mas gostam de levar só atrás.
2. Atenção: Novo Polo já é o maior vetor de transmissão da varíola do macaco no Brasil.



3. +++ CIENTISTAS BATIZAM O NOVO VÍRUS DE MONKEYPOLO NO BRASIL. DADOS INDICAM QUE O VÍRUS É MAIS COMUM ENTRE OS PROPRIETÁRIOS DE POLO.
4. O comercial do novo Polo da Volkswagen, na minha opinião, é #Desnecessário. Fico mais feliz porque havia desistido dessa marca e comprei uma marca japonesa. Se a intenção era atingir esse público, desculpem, mas não funcionou.
5. Patriotas! QUEREM REDUZIR A POPULAÇÃO A TODO CUSTO? Para isso não devemos apoiar o aborto! Esses métodos seriam seguros para não engravidar?
*ANTICONCEPCIONAL *DIU *PRESERVATIVO *NOVO POLO *INJEÇÃ *TABELINHA

O carro sempre foi um objeto de desejo masculino, como a “propaganda” do novo Polo irá alavancar as vendas do modelo? Que homem não quer comprar um carro para virar chacota da galera? Eis o resultado do marketing que viraram palanque de agenda política.

O menino do meu serviço disse que se sentiu ofendido com o comercial da Volkswagen do novo polo porque ele, simplesmente, é hétero.

Esses que pedem fora bozo, gritam quem matou Marielle e querem a morte do presidente, andam de novo polo e formam a 3ª via...

Vai chegar o dia em que não ser gay será crime. Ou mostra o comprovante: Novo Polo, coque samurai, signo na bio, filiado ao MBL, ou vai pra cadeia.

0. A questão é que uma propaganda absurda dessa prejudica o cidadão de bem, de família, que de alguma forma quer trocar de carro por um mais novo, ou mais moderno, ou qualquer outra coisa e agora vender o seu “polo” ficou inviável.
1. Casca, tu poderia fazer a review de um Test-Drive no novo Polo 2022? Dizem que ele só vem com marcha a ré de fábrica.
2. Sobre o Novo Polo? Este carro para poder sair do lugar, ele tem que fazer uma chupeta e ainda precisa ser empurrado por trás!
3. Sugestão a @vwbrasil: instala um consolo nos bancos, colore o carro com arco-íris e põe rendinhas no acabamento interno...
4. Por mim a @vwbrasil vai a falência.
5. Seeeee a bateria não pegar, você pode fazer uma “chupeta” ou o usar o cabo, que vem de cortesia, para fazer um Fio Terra. Tecnologia é TUDE.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os enunciados possuem uma dinâmica de se repaginar e de permanecer o mesmo, mesmo não o sendo. Analisar a violência, através dos discursos de ódio proferidos e proliferados em torno dessa publicidade, não se trata apenas de analisar os discursos de ódio como produção descolada dos processos de subjetivação e objetivação do sujeito. Quando escolhemos os discursos de ódio e os memes, também como discursos de ódio, os produtores desses discursos (que se produzem por estes, também), se individualizam enquanto sujeitos odiosos, intolerantes, preconceituosos e violentos, e tais identidades marcam apenas os processos de subjetivação, bem como concorrem para os processos de subjetivação desses sujeitos, direcionando seus desejos, forjando estilos de vida, legitimando formas “politicamente corretas” de se pronunciarem nas redes, formatando valores e crenças sobre suas existências enquanto cidadãos.



Inscritos em um jogo de poder, o dispositivo da violência nas relações entre os elementos da realidade, através de articulações em redes específicas e heterogêneas. Os discursos de ódio são um dos elementos que integram essa complexa rede, capturados nessa publicidade, e que se conectam a outras práticas discursivas e não discursivas no movimento das engrenagens do dispositivo. São tecnologias inscritas em uma economia geral de poder que nos permite restaurar toda uma rede de alianças, de conexões e de pontos de sustentação.

Existe um descentramento da análise interna do funcionamento dessas instituições para uma análise externa das estratégias e táticas em que esse funcionamento se averba. Refere-se, como reitera Foucault (2008, p. 159), “(...) de apreender o movimento pelo qual se constituía através dessas tecnologias movediças um campo de verdade com os objetos do saber”. É reiterar a violência no domínio do saber dos campos, inscrita em jogos de poder-saber-verdade movendo-se por fora da análise das instituições para inseri-la no domínio externo das tecnologias e das táticas de poder.

Tais problematizações que exemplificamos aqui se movem nos terrenos do discurso e da mídia. A mídia representa o “reflexo” do mundo globalizado, criando novos espaços, construindo vaidades, impondo necessidades e lançando entendimentos sobre os acontecimentos ao atribuir significados aos temas do cotidiano. No caso da publicidade em questão, a intensa exploração dos discursos de ódio banalizam a violência e sua objetivação enquanto objeto de consumo que passa a fazer parte do cotidiano das pessoas. A mídia auxilia nas tensões com as formas de se perceber a realidade.

Analisar a fabricação desse sujeito-odioso implica falar em discurso e em resistência. Ao apresentar o pensamento foucaultiano, Morey (2008, p. 24, tradução livre), afirma que “o problema, ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico, que temos hoje não é tentar liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas, sim, nos liberarmos nós mesmos do Estado e do tipo de individualização que é próprio dele”.

Os pensamentos foucaultianos nos permitem expandir espaços de diálogos, produzir conexões, propor debates e embates nos mais variados contextos, dada a diversidade e dos efeitos que suas produções provocam. Com isso, brevemente, é importante caracterizar dois elementos que compõem os conceitos em questão: as linhas de visibilidade e as linhas de enunciação, produtoras dos discursos de ódio, assim como as linhas de força, na medida em que se encontram relacionadas às dimensões de poder, operando em todos os pontos do dispositivo.

A constituição do sujeito é um dos eixos principais dos estudos de Michel Foucault. A partir das obras do filósofo, Candiotti (2016) examina três possibilidades de constituição do sujeito. A primeira possibilidade se dá, principalmente, nas obras *Vigiar e Punir* (1975) e *História da Sexualidade: A vontade do saber* (1976) quando é vista como efeito das relações saber/poder. Os processos de objetivação que constituem o sujeito atuam em várias esferas (jurídica, médica, familiar, religiosa), operando cisões a partir da delimitação de fronteiras cada vez mais rígidas entre os “fora” da lei – lei de Deus, lei das práticas familiares tradicionais, lei dos códigos penais – e as pessoas impostas como modelos sociais e legitimadas dentro de uma dada ordem do discurso. Os processos de objetivação são acompanhados por processos de subjetivação, que constituem sujeitos obedientes, produtivos, úteis e sujeitados, efeitos do poder disciplinar. Um sujeito que é subjetivado e objetivado pela norma se movimenta dentro de espaços definidos. O poder é pensado como relações entre forças, através de práticas de controle sutis e quase imperceptíveis, que se espalham por todo o tecido social, mirando a possibilidade de resistências.



A segunda possibilidade emerge de mudanças no pensamento do filósofo francês, principalmente a partir do curso *Segurança, território e população* e a ideia de governamentalidade. Aqui, as relações de poder inexistem sem a possibilidade de resistências. Existe um jogo estratégico entre liberdades e lutas contra o governo de individualização, em uma agonística do sujeito. Nesse caso, a atitude do sujeito não é meramente reativa às políticas de controle, mas, inclui uma *contraconduta* nessas relações, entendida como “o enfrentamento estratégico a ser exercido livremente diante da tentativa de normalização disciplinar e da regulação do biopoder” (CANDIOTTO, 2016, p. 33).

A terceira possibilidade de constituição do sujeito vem do efeito da relação entre o conhecimento de si e cuidado de si, este último enquanto princípio de inquietação. Seriam, de um lado, o esforço do sujeito contra a colonização de si mesmo por parte de percepções naturalizadas advindas de um suposto autoconhecimento, do outro lado, as práticas de liberdade atuando como resistências às limitações de seus desejos e escolhas.

A proliferação dos discursos de ódio está relacionada aos processos de subjetivação e objetivação que experimentamos em nosso tempo: uma agonística que alimenta e reproduz o medo, a insegurança e as incertezas diante de mudanças de uma sociedade plural. Os discursos de ódio reforçam estereótipos que classificam o outro “estranho” de forma negativa, preconceituosa e pejorativa. Os efeitos do medo desse outro, que possui posicionamentos ideológicos diferentes, reforçam estratégias de anulação de sua presença em espaços públicos, como podemos observar nos comentários indicados no Quadro 2. Os discursos de ódio produzidos em torno da publicidade concorrem para a institucionalização de práticas moralizantes, estigmatizantes, normatizadoras e de submissão.

Nesta produção de verdades sobre os sujeitos que comentam e fomentam os discursos de ódio nas redes, suas condutas, seus prazeres e desejos, determinadas orientações ideológicas são legitimadas e reconhecidas como a única possibilidade ‘saúdável’ e, portanto, ‘normal’. Os discursos de ódio divulgados na mídia produzem saberes que qualificam determinados manifestantes como seres humanos de segunda categoria e, nesse contexto, as condições de vulnerabilidade e de exclusão se tornam cada vez mais profundas para essas pessoas consideradas “desviantes”.

Tais produtos midiáticos se constituem como lugares de visibilidade, como locais específicos de enunciação do dispositivo. Maneiras de ver, formas de dizer onde a mídia atua como aparato de visibilidade para aquelas formas de enunciação que dizem respeito tanto às diferentes categorias de manifestações, como aos modos específicos de fazer com que cada uma delas apareça, compondo parte dos saberes sobre as manifestações, já que “cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível” (DELEUZE, 1991, p. 1).

Trata-se, portanto, de modos como os indivíduos se tornam sujeitos, isto é, as linhas de visibilidade e de enunciação configuram as manifestações (e são por elas, configuradas), como algo visível, algo a conhecer – principalmente em suas diferenças – refere-se à processos de objetivação, de apreensão do acontecimento e de tecnologias de poder investidas sobre os corpos e sobre a forma mesma de ser manifestante. Visibilidade e enunciação são processos pelos quais os indivíduos se tornam alvo do poder, mas, pelos quais eles (os sujeitos) também podem manifestar resistência.

É necessário problematizar esses saberes/verdade e seus efeitos de normalização tão arraigados em nossa cultura. O dispositivo da violência é atualizado por discursos de ódio que produzem uma linha de inteligibilidade sobre os comentários e produção de memes e sobre aqueles que se comentam e postam e, como um de seus efeitos, uma linha de elegibilidade sobre o “cidadão



heteronormativo que defende sua norma”. Sabemos que os desdobramentos desses discursos são perigosos, pois as ações da norma é que irão determinar que vidas são dignas de serem vividas, em nossa sociedade, e que vidas não temos que nos importar.

No dispositivo, as formas de visibilidade e de enunciação sobre si mesmo (em oposição a um outro) fazem com que esses sujeitos se reconheçam como os principais responsáveis pelo exercício de práticas transformadoras das atuais condições de vida (por suas condutas, por suas posições políticas, por suas escolhas partidárias, por suas crenças), isto é: autores de seus ditos, de suas práticas, de si mesmo. A definição de si mesmo por oposição às crenças e valores que são forjadas do outro é internalizada em contraposição ao que esse outro é – gay, viadinho, afeminado –, operações de objetivação que concorrem para a subjetivação desse sujeito que é objetivado por aqueles que não o reconhecem como semelhantes, ao mesmo tempo em que se constituem ao dizer uma verdade sobre eles mesmos – cidadão honesto, pessoas de boa índole, com preceitos de moral enraizados, pais de família, cidadão de bem.

O dispositivo da violência se direciona para a produção de seus sujeitos, quais sejam, aqueles que efetivamente se instituem e/ou se orientam nas/pelas práticas violentas – dos discursos de ódio e das instituições que os sustentam – que são produzidas. No dispositivo da violência, a ausência do cuidado de si converge, em grande parte das vezes, para o enfrentamento do outro, isto é, um controle meticuloso de seus atos, e um conjunto, cuidadosa e violentamente elaborado, de suas práticas para se alcançar certo número de objetivos (todos eles articulados a experiências específicas de brasilidade do qual é sujeito). Nesse empreendimento, saberes são produzidos e positivados, pois os processos de subjetivação envolvem novas práticas de ação e de conhecimento.

Observa-se a produção de subjetividades *fascitoides* que alimentam uma cultura da violência, da intolerância, do ódio e do preconceito na busca de se garantir espaços de liberdade. É o que afirma Fernandes Junior (2016):

São as práticas discursivas de um dado momento histórico que apagam, constroem, legitimam ou dão visibilidades a dados saberes construídos. Vivemos em uma sociedade em movimento, cujas constantes mudanças promovem a constituição de sujeitos que buscam se constituir nesse contexto. Mudanças que geram medo, insegurança, para citar esses exemplos, que, por correspondência, estão vinculados a um paradoxo atual: o desejo de segurança e o exercício de liberdade. (FERNANDES JUNIOR, 2016, p. 212).

Os discursos de ódio são produções de sujeitos que, ao mesmo tempo, se produzem por tais discursos enquanto sujeitos odiosos. Mas, como nos esclarece Foucault (2004, p.8), “se há relações de poder em todo campo social, é porque há liberdade por todo lado. Mas há, efetivamente, estados de dominação”.

Do horizonte das discussões encampadas acima e diante dos memes e *twittes*, há outro ponto interessante de refletir a respeito dos estereótipos masculinos que são valorizados na sociedade moderna. Segundo Nolasco (1993, p. 53), “a esperteza, a prepotência e a dominação são agregadas ao padrão de comportamento de homens”, as determinações contemplam ainda:

Um homem normal é alguém jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Sul, heterossexual, católico, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com sucesso recente nos esportes. O capitalismo incentiva, por meio de diferentes mecanismos, a crença de que por meio do trabalho um homem pode rapidamente atender a estas especificações (NOLASCO, 1993, p. 53).



Foucault (2004, p. 270) sinaliza que “o *ethos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc.”. Nessa perspectiva, o trabalho de si sobre si mesmo se torna necessário para ser considerado um bom homem, digno de honra e respeito.

As representações do que é “ser homem” tendem a não contemplar a imagem de um homem afeito ao cuidado, que se cuida, que pode cuidar de alguém, que sofre, que adoece e que reconhece e admite publicamente ser vulnerável. Os estereótipos valorizados pelos homens jovens contemplam a imagem de um homem viril, dotado de um corpo forte, autônomo que é capaz de consumir, controlar, dominar e prover.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nosso objetivo foi o de cartografar o funcionamento de um dispositivo da violência, através dos discursos de ódio (memes e *twittes*) produzidos e proliferados em torno da publicidade do novo Polo, divulgadas na mídia em maio deste ano, e como esse dispositivo é operacionalizado nos discursos, de modo a instituir uma pluralidade de práticas e de forma a concorrer na produção de subjetividades. Investigamos os modos através dos quais os discursos nos campos da mídia valem-se de um dispositivo para classificar o outro.

Percebemos que os discursos produzidos, particularmente os discursos de ódio, não apenas reproduzem tal dispositivo, como também favorecem sua atualização, na medida em que operam e articulam saberes específicos, regras, normas, valores, instituições, comportamentos, fabricando, também, determinados sujeitos-odiosos. Em nossa sociedade, os efeitos dos discursos de ódio constroem estereótipos sobre o outro, classificando-o como estranho e, portanto, perigoso/ameaçador porque não pertence à mesma classe socioeconômica, porque não possui a mesma orientação sexual, a mesma cor de pele, o mesmo posicionamento político, as mesmas condições de vida etc. Os atributos são normalmente destinados a segregar e rotular pessoas pertencentes a grupos sociais diferentes, o que acaba por reforçar, também, a lógica da violência, da intolerância, da exclusão e do distanciamento, e “a segregação torna-se, assim, complementar à violência urbana.” (FERREIRA NETO, 2001, p. 70).

São necessárias transformações nas formas de ocuparmos e de circularmos no espaço coletivo capazes de produzir subjetividades que promovam rupturas nas engrenagens de opressão coletiva e de repressão, efeitos do dispositivo da violência. É necessário valorizarmos formas de existência que tensionem as imposições de uma estética aprisionada em corpos meticulosamente malhados e viris, impostos por uma heteronorma.

Michel Foucault não se dedicou a tratar do tema da violência, com exclusividade. Além disso, o autor não utiliza o termo violência com frequência em seus trabalhos. Entretanto, em suas pesquisas sobre as instituições totais, como a escola, o hospital psiquiátrico e a prisão, encontramos “brechas” que nos possibilitam pensar em diversas maneiras de violência institucional e de seu poder através da vigilância. Neste trabalho, nossos esforços caminharam em direção à descrição do que se poderia aqui chamar de um dispositivo da violência, na tentativa de se compreender tal fenômeno, na contemporaneidade.

Os discursos de ódio em torno das manifestações evidenciam a eclosão da violência em um cenário onde nada mais é digno de credibilidade, onde tudo falha, inclusive, a própria palavra. Não se trata apenas de denunciar a violência, ou de localizá-la sob a regra ou a lei; a jurisdição da violência extrapola tais discursos e busca se legitimar em racionalidades, em uma lógica de governamentalidade que não se restringe a instituições. Concentrar nossas leituras em instituições



historicamente centralizadoras da violência, como a polícia ou a prisão, é incorrer no erro de desconsiderar a potência de outras lógicas sutis e violentas de se governar.

Os discursos de ódio são mecanismos biopolíticos que revalidam práticas de gestão das pessoas, legitimam suas condutas, reforçam crenças, valores e opiniões, produzem subjetividades. O antigo domínio soberano do “poder matar para poder viver” é substituído por um fazer viver, rejeitar para a morte ou permiti-la, quando se trata de vida dos outros.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sara Dionísia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault.

Revistas Eletrônicas Filogênese, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 148-162, 2013. Disponível

em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>.

Acesso em: 10 nov. 2022.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, COURTINE, Jean-François (Org.). **História da virilidade: a virilidade em crise?** Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 189-220.

BRUGGER, Winfried. **Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio?** Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. **Direito Público**, [S.l.], v. 4, n. 15, fev. 2007. ISSN 2236-1766.

Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884>.

Acesso em: 11 ago. 2022.

CANDIOTTO, César. Sujeito, agonística e seus desdobramentos políticos no pensamento de Michel Foucault. In. NALLI; M; MANSANO, S.R.V (orgs). **Michel Foucault: desdobramentos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

COSTA, Bob Vieira da. **Redes de intolerância: Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa**. 2016. Elaborado por Comunica que muda by nova/sb. Disponível em:

<https://www.comunicaquemuda.com.br/redes-da-intolerancia/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo**. Disponível em <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-umdispositivo>. Acesso em 02 de ago. de 2022.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Discursos sobre a felicidade em práticas discursivas contemporâneas. In. SOUZA, K.M; PAIXÃO, H. P. **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. Ed. Intermeios: São Paulo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.



FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de 1970. 5. ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HAROCHE, Claude. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: COURTINE, Jean-François et al (Org.). **História da virilidade**: a virilidade em crise? Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 15-34.

MOREY, Miguel. Introducción. in. FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro; Zahar, 2012.

PINTO, Letícia Eloj; RIBEIRO, Marislei. **A Disseminação de ódio no Facebook e a influência do hater na pauta jornalística**: Caso de racismo com a atriz Taís Araújo. In: CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – CURITIBA - PR, 17, 2016, Curitiba/PR. **Congresso**. Pelotas: Intercom, 2016. p. 01 - 13. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0695-1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2022.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Lisboa: Edições Texto e Grafia Ltda, 2009.

WEEKS, Jeffrey. **Sexualidad**. México: Paidós-UnaMPUEG, 1998.